

Violência e Poder

Sylvain Levy¹

Pela primeira vez em sua história a psicanálise brasileira se interioriza. Geograficamente falando, é claro. Todos os congressos brasileiros sobre o tema foram realizados até hoje em estados litorâneos. Agora é no Centro-Oeste e Brasília vai ser novamente a pioneira, sediando entre 11 e 14 de novembro próximo, o XX Congresso Brasileiro de Psicanálise e nada mais adequado para o momento atual e para a cidade, que seu lema: “Poder, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade”.

E nada mais contemporâneo que o sofrimento psíquico causado pelo poder.

O poder se manifesta por ações. O poder só se expressa porque existe a ação. O poder é ação. E a ação do poder não se dissocia da ação do governo que o exerce e do Estado ao qual representa. Dito assim fica-se perigosamente próximo da concepção que Hegel construiu para Estado, onde o indivíduo existe em função do Estado e o Estado não tem obrigação moral para com os cidadãos, por que o dever do Estado é a sua sobrevivência. Ao estabelecer que é o Estado e não o povo que detém a soberania, e que é o monarca que encarna a personalidade do Estado, Hegel não aceita a idéia de que o Estado tenha origem num contrato e abole a idéia de um Direito Natural e praticamente adota a do Direito Divino o que leva, como consequência, ao não reconhecimento dos direitos fundamentais do homem.

Não é a toa que as teorias hegelianas serviram de substrato a regimes totalitários à direita – nazismo e fascismo, e à esquerda para o stalinismo.

Qualquer semelhança com situações identificadas nos dias de hoje não é mera coincidência nem meritória inteligência.

Com poucas exceções, os governantes se sentem ungidos pelo poder supremo, que nas democracias deveria ser o do povo, mas na cabeça dos poderosos é o da sua própria onipotência. Os chefes de estado ou de nações de todo o mundo falam entre si e com Deus, o que nessa altura do campeonato vem a ser a mesma coisa. Cada um é um Deus de seu próprio território que não erra, não ignora e não deve satisfações a ninguém, nem a outro Deus, excetuando-se, naturalmente. George Bush, já que eles podem ser loucos, mas não são idiotas.

Daí a dificuldade de todo e qualquer governo, que ao reconhecer a existência de crises político-institucionais que o afetem estruturalmente não sabe como desconstruir a fantasia de onipotência sem destruir o próprio fantasiador.

A sensibilidade e a percepção popular promoveram um vínculo entre violência e poder. Habitualmente esse vínculo é descrito como a violência do poder. Quem já a sofreu pode perdoar, mas não a esquece. Isso pode ser observado tanto no dia-a-dia das relações familiares dos pais com os filhos como, também, no cotidiano do país, onde as maiores violências perpetradas pelo poder são a produção da desesperança e a imposição da sensação da ausência do poder..

Outros dois enfoques importantes para se entender o poder da violência e a violência como poder podem ser elencados no plano coletivo e no plano individual. No coletivo tem-se o terrorismo como poder. O medo é imposto a todos a partir de um poder e de uma ameaça, reais, que no imaginário popular se concretiza a cada instante e possibilita aos governos imporem leis (e uma nova visão de poder) de restrição às liberdades

¹ Membro Associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília

individuais. O ódio e a segregação têm pátria. Tem localização, tem origem e destino. A fraternidade e o amor não. São universais.

No plano individual as chamadas patologias do vazio, como a depressão, a anorexia, a bulimia e o pânico, se apossam do corpo e das almas das pessoas. É o poder do vazio que aniquila a vida das pessoas e produz um “empoderamento” às avessas, onde o nada se vê com o direito de se impor. É a valorização do não ou da ausência em detrimento do sim e da presença. É quando se torna mais importante não ter, não saber e não ser.

O corpo é fundamental. Sem corpo não há pessoa, não pode haver psicanálise. Não pode haver tratamento nem alívio para o sofrimento psíquico. Por isso o poder tenta, sempre, subjugar o corpo. Bater, prender, subtrair, matar. A mente, nesse caso, ou nessa visão, acompanha o corpo. Mais além de qualquer representação ou simbolização está a força. A fábula do lobo e do cordeiro é um perfeito exemplo: não importa o que o cordeiro faça ou diga, não importa suas alegações, o desejo do lobo de comer o cordeiro é mais forte, e o lobo é mais forte e portanto está tudo resolvido e acabado.

A ação comunica melhor e mais efetivamente a intenção e o desejo.

O horror que o terrorismo e a tortura podem provocar nas pessoas está diretamente relacionado com os processos identificatórios que esses fatos nos causam. Temos horror aos nossos terroristas e torturadores internos.

Mas parece que tal horror não se estende aos fatos ligados à corrupção. As notícias sobre corrupção não produzem a ojeriza generalizada que a tortura e o terrorismo provocam. A tendência é sermos mais lenientes, mais compreensivos. Será que isso quer dizer que somos todos corruptores ou corrompidos em potencial? É só uma questão de valor ou oportunidade?

É claro que esta pergunta leva a outra. Honestidade é virtude é uma característica intrínseca ao ser humano?

Sem querer emitir qualquer resposta, vale lembrar de Guimarães Rosa quando ele disse “que a vida é assim: Às vezes estica, às vezes encurta. Ora é quente depois é frio. Tem hora que escurece para depois ficar claro. O importante é ter coragem para viver a vida.”